ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 1519-7816

INTERPRETAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR EDUCADORES DO ASSENTAMENTO PAULO CÉSAR VINHA - CONCEIÇÃO DA BARRA (ES) COM O CAMPO E A CIDADE A PARTIR DO CONCEITO DE GEOGRAFICIDADE DE ERIC DARDEL E DAS CATEGORIAS SOCIOLÓGICAS DA "CASA" E DA "RUA" DE ROBERTO DAMATTA

Júlio de Souza Santos
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
E-mail: julio.santos@ifes.edu.br

Resumo
O presente estudo foi realizado no contexto do Assentamento Paulo César Vinha, que está situado no município de Conceição da Barra, na microrregião Nordeste do estado do Espírito Santo. Tem como objetivo interpretar as experiências vividas por educadores com o campo e a cidade a partir do conceito de geograficidade, de Eric Dardel, e das categorias sociológicas da "casa" e da "rua", de Roberto DaMatta. Para tanto, o estudo se beneficiou da Observação Participante, que envolveu conversas informais e a realização de entrevistas semiestruturadas com oito educadores de jovens e adultos do campo. A partir das concepções teórico-metodológicas adotadas, o estudo evidenciou, por um lado, que os educadores vivem o campo como a "casa", atribuindo significados de paz, tranquilidade e afetividade para as experiências vividas com esse espaço; por outro lado, os participantes da pesquisa vivem a cidade como a "rua", atribuindo significados de insegurança e perigo para esse espaço, além de considerarem a cidade como o espaço do comércio e da oportunidade de formação acadêmica.
Palavras-chave: Geograficidade. Campo. Cidade. Casa. Rua.

INTERPRETATION OF EXPERIENCES EXPERIENCED BY EDUCATORS OF THE PAULO CÉSAR VINHA SETTLEMENT - CONCEIÇÃO DA BARRA (ES) WITH THE FIELD AND THE CITY FROM THE CONCEPT OF GEOGRAPHICITY BY ERIC DARDEL AND THE SOCIOLOGICAL CATEGORIES OF THE "HOUSE" AND "STREET" BY ROBERTO DAMATTA

Abstract
The present study was carried out in the context of the Paulo César Vinha Settlement, which is located in the municipality of Conceição da Barra, in the Northeast micro-region of the state of Espírito Santo. Its objective is to interpret the experiences lived by educators with the countryside and the city from the concept of geographicity, by Eric Dardel, and the sociological categories of "house" and "street", by Roberto DaMatta. To this end, the study benefited from Participant Observation, which involved informal conversations and conducting semi-structured interviews with eight educators of young people and adults in the countryside. Based on the adopted theoretical-methodological conceptions, the study showed, on the one hand, that educators live the countryside as a "home", attributing meanings of peace, tranquility and affection to the experiences lived in this space; on the other hand, the research participants experience the city as the "street", attributing meanings of insecurity and danger to this space, in addition to considering the city as a space for commerce and an opportunity for academic training.
Keywords: Geographicity. Field. City. House. Street.

Introdução

Na visão urbanocêntrica, o campo é concebido como espaço atrasado e os sujeitos que nele habitam são estigmatizados como pacíficos, ingênuos e dóceis, em oposição à cidade que é vista como o espaço do progresso, sendo que os seus habitantes são caracterizados como modernos, inteligentes e avançados.

Na perspectiva de contribuir para a superação dessa visão urbanocêntrica, bem como para a reflexão sobre as demandas e anseios dos sujeitos campesinos, o presente estudo objetiva interpretar as experiências vividas por educadores de jovens e adultos com o campo e a cidade, a partir da observação participante realizada no contexto do Assentamento Paulo César Vinha, que está vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e situado no município de Conceição da Barra, na microrregião Nordeste do estado do Espírito Santo.

No âmbito da ciência geográfica, evidencia-se o acúmulo de estudos sobre a relação campo-cidade a partir de diferentes correntes teóricas, como a Clássica, a Quantitativa, a Crítica e a Fenomenológica (NEVES, 2010).

O presente estudo, de caráter fenomenológico, busca abordar o campo e a cidade a partir do conceito de geograficidade, do geógrafo francês Eric Dardel (2011), que consiste na expressão da própria essência geográfica do ser-e-estar no mundo; e das categorias sociológicas da "casa" e da "rua" e seus significados na vida social brasileira, do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1984; 1986). Nesse sentido, os participantes da pesquisa apresentam centralidade nessa abordagem teórica e investigativa sobre campo e cidade.

Desse modo, na perspectiva de abordar as experiências vividas por educadores com o campo e a cidade, em diálogo com o referencial teórico apontado, essa exposição explorou a seguinte problemática: Quais os significados geográficos das experiências vividas pelos educadores de jovens e adultos do Assentamento Paulo César Vinha com o campo e a cidade?

Assim, o texto discorre em um primeiro momento sobre o conceito de geograficidade, de Eric Dardel, e as categorias sociológicas da "casa" e da "rua", de Roberto DaMatta. Em seguida, é explicitado o percurso metodológico, que envolveu a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo realizada através da Observação Participante, na perspectiva de Carlos Rodrigues Brandão, além das entrevistas semiestruturadas e conversas informais e, por fim, os resultados são apresentados sobre os significados das experiências

vividas pelos educadores com o campo e a cidade, em interlocução com o referencial teórico-metodológico do presente estudo.

O conceito de geograficidade e as categorias sociológicas da "casa" e da "rua"

"Não há lugar como o nosso lar".
Dorothy Gale

O conceito de geograficidade, do geógrafo Eric Dardel, emergiu no percurso do estudo como categoria apropriada na abordagem das experiências vividas pelos educadores do Assentamento Paulo César Vinha com o campo e a cidade.

Para Dardel (2011), a geograficidade (*géographicité)* consiste na relação concreta que liga o homem à Terra, isto é, consiste na própria essência geográfica do ser-e-estar-no-mundo. Assim sendo, a maneira como o homem vive e convive em seu mundo circundante, como o amor ao solo natal e a busca por novos ambientes, é o fundamento da experiência, que é essencialmente geográfica.

Na perspectiva dardeliana, as relações do homem com a Terra são compreendidas como inscrições do terrestre no humano e do homem sobre a Terra, de tal forma que nem o terrestre nem o humano podem ser geograficamente pensáveis um sem o outro (BESSE, 2011).

Com o intuito de caracterizar o conceito de geograficidade de Eric Dardel, Marandola Jr. (2017) afirma:

> [...] Dardel defende esta geografia vivida em ato face à objetividade excessiva da ciência moderna. Para ele, esta geografia tem sua expressão máxima no vínculo de cumplicidade fundamental do Homem com a Terra. Um vínculo que passa pelo amor à terra natal ou pela busca de novos ambientes, mas também a uma hermenêutica da Terra, uma verdadeira decifração de sua linguagem. Este entrelaçamento, que expressa a essência da geografia como relação ele denominou geograficidade (MARANDOLA JR., 2017, p. 11).

Dessa forma, na perspectiva fenomenológica, ações cotidianas, como habitar a casa e deslocar-se pela cidade, possuem significados geográficos. Nesse sentido, as ações cotidianas são experiências geográficas, ou seja, experiências geograficamente contextualizadas e significadas (MARANDOLA JR., 2017).

Assim, o conceito de geograficidade foi fundamental no presente estudo, uma vez que proporcionou a abordagem das experiências vividas pelos educadores, além dos significados geográficos atribuídos por esses sujeitos às experiências vividas cotidianamente, como morar, trabalhar, estudar, ir ao banco, entre outras. Nessa toada, essa investigação busca

se afastar de perspectivas reducionistas sobre campo e cidade, através de uma visão ampla sobre esses espaços, uma vez que considera as relações concretas estabelecidas pelos sujeitos com esses espaços.

Além do conceito de geograficidade, o diálogo com o pensamento de Roberto DaMatta foi fundamental no desenvolvimento do presente estudo, tendo em vista que as categorias sociológicas da "casa" e da "rua", formuladas por esse antropólogo, contribuíram para a interpretação dos significados geográficos atribuídos pelos educadores do Assentamento às experiências vividas com o campo e a cidade.

No livro "O que faz o brasil, Brasil?", DaMatta (1986) aborda os significados da "casa" e da "rua" na vida social brasileira:

> Observe-se uma cidade brasileira. Nela, há um nítido movimento rotineiro. Do trabalho para casa, de casa para o trabalho. A casa e a rua interagem e se complementam num ciclo que é cumprido diariamente por homens e mulheres, velhos e crianças. Pelos que ganham razoavelmente e até mesmo pelos que ganham muito bem. Uns fazem o percurso casa-rua-casa a pé; outros seguem de bicicleta. Muitos andam de trens, ônibus e automóveis, mas todos fazem e refazem essa viagem que constitui, de certo modo, o esqueleto da nossa rotina diária. Há uma divisão clara entre dois espaços sociais fundamentais que dividem a vida social brasileira: o mundo da casa e o mundo da rua. [...] (DAMATTA, 1986, p. 15).

Para DaMatta (1984), há uma divisão entre esses dois espaços que dividem a vida social brasileira. A "rua" é considerada o lugar do movimento, do trabalho, da surpresa, da tentação, enquanto a "casa" é o lugar da calma e da tranquilidade.

É importante ressaltar que essa categoria da "casa", explorada por DaMatta (1984), é muito mais ampla que a ideia de casa do ponto de vista literal:

> [...] quando falamos da "casa", não estamos nos referindo simplesmente a um local onde dormimos, comemos ou que usamos para estar abrigados do vento, do frio ou da chuva. Mas – isto sim – estamos nos referindo a um espaço profundamente totalizado numa forte moral. Uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas. Coisas que vêm do passado e objetos que estão no presente, pessoas que estão saindo deste mundo e pessoas que a ele estão chegando, gente que está relacionada ao lar desde muito tempo e gente que se conhece de agora. Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social. (DAMATTA, 1984, p. 15-16).

Por outro lado, a categoria sociológica da "rua" é concebida por DaMatta (1986) como espaço moral marcado pela insegurança e pelo perigo:

> [...] Na rua não há, teoricamente, nem amor, nem consideração, nem respeito, nem amizade. É local perigoso, conforme atesta o ritual aflitivo e complexo que realizamos quando um filho nosso sai sozinho, pela primeira vez, para ir ao cinema, ao baile ou à escola. Que insegurança nos possui quando um pedaço de nosso

> sangue e de nossa casa vai ao encontro desse oceano de maldade e insegurança que é a rua brasileira. Não é, pois, ao léu que damos conselhos quando alguém se aventura nesta selva [...] (DAMATTA, 1986, p. 20).

No Brasil, "casa" e "rua" formam os espaços básicos através dos quais circulamos na nossa sociabilidade. Além disso, caracterizam-se como dois lados da mesma moeda, ou seja, apesar de opostos são complementares, pois o que falta na "rua" existe em abundância na "casa" (DAMATTA, 1986).

Apesar do enfoque sociológico, evidencia-se também a dimensão da geograficidade nessas categorias da "casa e da "rua", considerando que consistem em espaços da vida social brasileira, onde os sujeitos vivem experiências cotidianas, estabelecem relações concretas e atribuem significados.

Contudo, embora as categorias da "casa" e da "rua" tenham sido referências fundamentais para o desenvolvimento da presente investigação, buscou-se superar a mera transposição dos significados desses espaços para os significados atribuídos por educadores às experiências vividas com campo e cidade. Ademais, as experiências foram interpretadas na perspectiva de consideração de sua dinâmica, em virtude das transformações ocorridas nas relações entre campo e cidade, em virtude dos processos de globalização, industrialização, urbanização e reestruturação produtiva (HESPANHOL, 2013).

Portanto, na interpretação das experiências vividas por educadores do Assentamento Paulo César Vinha com o campo e a cidade, essa abordagem investigativa teve como fundamentação teórica a perspectiva fenomenológica de Eric Dardel e a perspectiva sociológica de Roberto DaMatta.

O percurso metodológico

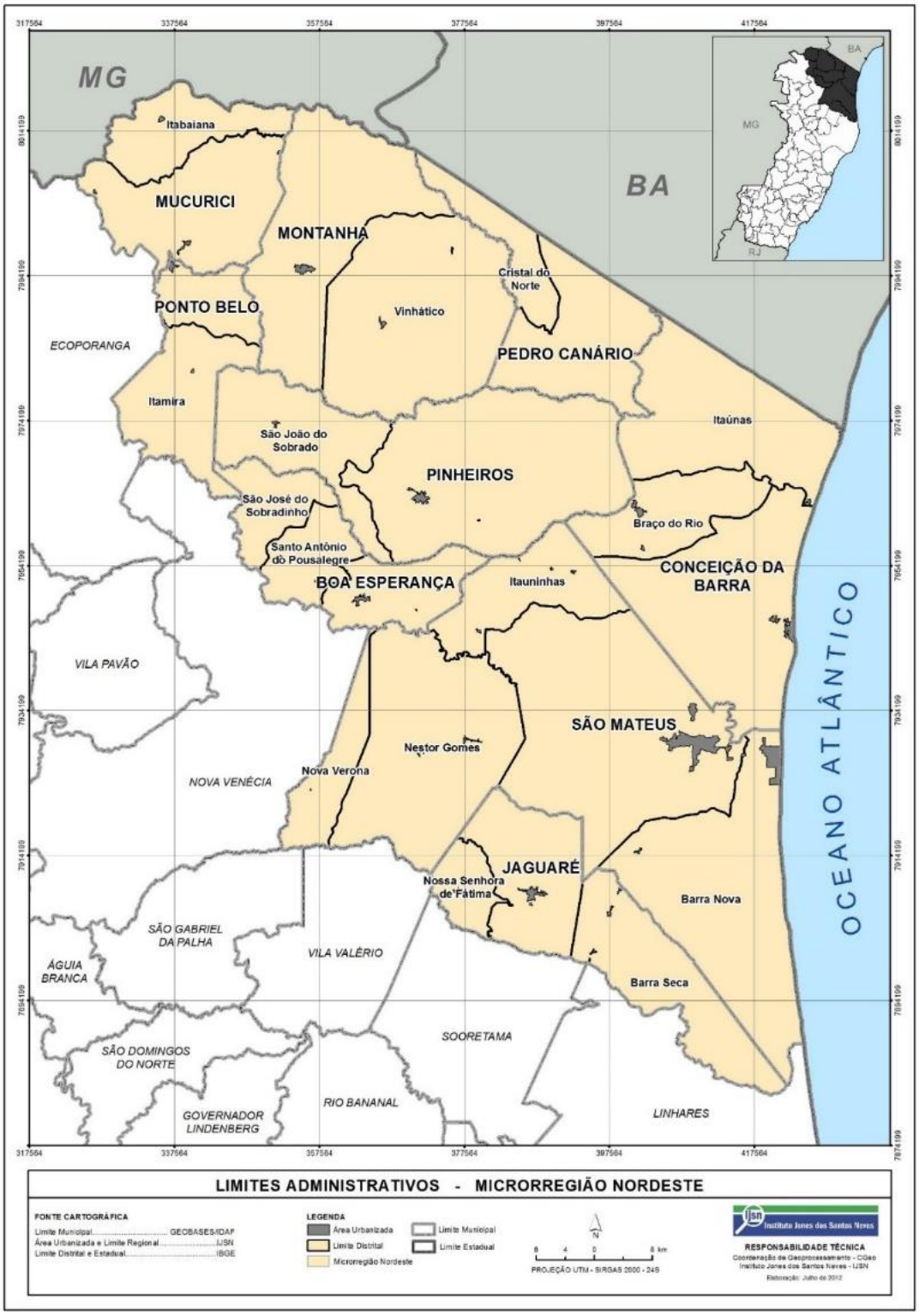
Com o intuito de interpretar as experiências vividas por educadores do Assentamento Paulo César Vinha com o campo e a cidade, essa exposição se beneficiou da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo.

Na pesquisa bibliográfica, foram utilizados estudos científicos sobre a relação campo-cidade (NEVES, 2010); (HESPANHOL, 2013), cultura brasileira (DAMATTA, 1984; 1986) e geograficidade (DARDEL, 2011); (BESSE, 2011); (MARANDOLA JR., 2017).

A pesquisa de campo foi realizada no contexto do Assentamento Paulo César Vinha, na perspectiva da Observação Participante (BRANDÃO, 2007), uma vez que estive pessoalmente nesse espaço, observando e participando da vida cotidiana dos participantes da pesquisa. Além disso, essa pesquisa envolveu conversas informais e a realização de

entrevistas semiestruturadas com oito educadores de jovens e adultos da Escola Córrego do Cedro, do Assentamento Paulo César Vinha, que está situado no município de Conceição da Barra, na microrregião Nordeste do estado do Espírito Santo (Figura 1).

Figura 1: Mapa da Microrregião Nordeste do Espírito Santo

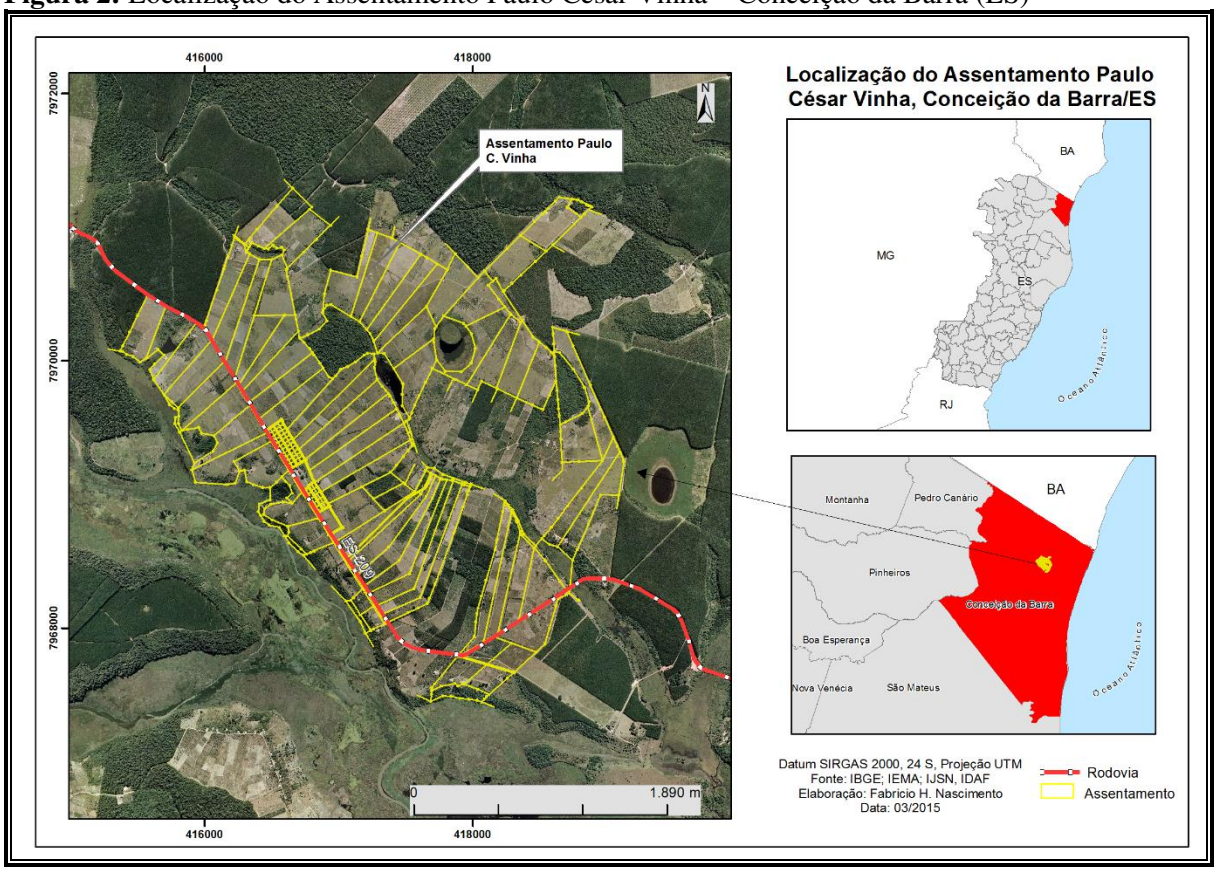


Fonte: IJSN, 2012.

O Assentamento Paulo César Vinha foi criado no dia 5 de dezembro de 1997, após a chegada do acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em 1995, na Fazenda Itaúnas, localizada na área rural do município de Conceição da Barra (ES). Nesse acampamento, as famílias ocuparam as residências existentes nessa fazenda, passaram a prestar serviços aos proprietários circunvizinhos, como a Fazenda São João, além de praticarem a pesca para a subsistência e comercialização no próprio acampamento e no entorno (ESPÍRITO SANTO, 2014).

Apesar de pertencer ao município de Conceição da Barra (ES) (Figura 2), o Assentamento Paulo César Vinha está mais próximo geograficamente da sede do município de Pedro Canário (ES). A distância entre o Assentamento Paulo César Vinha e a sede de Pedro Canário, via Rodovia ES-209, é de aproximadamente 27 (vinte e sete) quilômetros. Já a distância entre esse assentamento e a sede de Conceição da Barra, via Rodovias ES-010 e ES-209, é de aproximadamente 40 (quarenta) quilômetros.

Figura 2: Localização do Assentamento Paulo César Vinha – Conceição da Barra (ES)



Fonte: Instituto de Defesa Agropecuária e Floresta do Espírito Santo - IDAF, 1997.

Conforme é possível constatar no tópico seguinte, a proximidade geográfica do Assentamento Paulo César Vinha com as sedes dos municípios de Pedro Canário e Conceição

da Barra influencia nas experiências vividas pelos educadores com o campo e a cidade e, consequentemente, nos significados geográficos atribuídos a essas experiências.

Os oito educadores participantes da pesquisa atuaram, durante o ano de 2014, no primeiro e segundo segmento do ensino fundamental na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Escola Córrego do Cedro, do Assentamento Paulo César Vinha. Ressalto que todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Apesar disso, optei por utilizar nomes fictícios.

Após a pesquisa de campo, foram realizadas as transcrições das entrevistas e a interpretação das narrativas, por meio da atitude metodológica de distanciamento dos relatórios lineares (CORRÊA; SOUZA, 2016), na perspectiva da abordagem das experiências vividas pelos educadores com o campo e a cidade, em diálogo como a fundamentação teórica da pesquisa.

As experiências vividas por educadores do Assentamento Paulo César Vinha com o campo e a cidade

Na investigação das experiências geográficas vividas pelos educadores do Assentamento Paulo César Vinha, ou seja, de suas geograficidades (DARDEL, 2011), evidenciei que os significados geográficos atribuídos ao campo e à cidade apresentam semelhanças com os significados da "casa" e da "rua" na vida social brasileira, respectivamente (DAMATTA, 1984).

Assim como a "casa" na vida social brasileira, o campo é vivido por educadores do Assentamento Paulo César Vinha como lugar de paz e tranquilidade. De forma oposta, a cidade é vivida como a "rua", ou seja, como espaço de insegurança e perigo, conforme é possível constatar nas narrativas a seguir:

Educadora Ester: *"Viver no campo é viver assim num lugar maravilhoso, um lugar de paz, de sossego, de você deitar, apesar de que a gente sempre tem aquele medo de chegar uma pessoa, mas é um lugar de você deitar, de você viver tranquilo, um lugar onde você conhece todo mundo, você convive com todo mundo, você aprende a ser companheiro."*

Educadora Talita: *"Porque é um lugar muito tranquilo, desde pequena aqui já me acostumei com o lugar, quando eu vou pra cidade eu acho totalmente diferente."*

Educadora Débora: *"Eu sempre morei no interior e no interior a gente tem esse contato com a natureza, quintal grande que não oferece perigo, os vizinhos, todos amigos, então a gente era muito livre mesmo, a gente brincava com liberdade."*

Educadora Maria: *"Amo ser camponês, não suporto morar em cidade, amo morar na paz do campo".*

Nesses relatos, evidencia-se que as educadoras atribuem os significados de paz, tranquilidade e sossego para o campo, a partir de experiências vividas por elas com esse espaço em suas trajetórias de vida, como a convivência com amigos, a habitação no interior, o contato com a natureza e a identificação com o modo de vida camponês. Contudo, apesar da predominância desses significados geográficos nas experiências vividas com o campo, os educadores a seguir afirmam que o campo vem passando recentemente por algumas mudanças:

Educador Daniel: *"Muito tranquilo até que de uns tempos pra cá começou a aparecer fatos assim que a gente não está acostumado a ver. Que fatos? Por exemplo, a chegada da droga mesmo na roça, antes não tinha isso, você via na televisão, ouvia em rádio fatos em capitais, por exemplo, mais capitais, depois cidades, se expandiu até chegando na roça porque tem tráfico, pessoal dessa juventude mesmo que começou também a inserir nesse processo aí de estar usando a droga, deixando a escola, até os pais, e daí o que é que eu percebo nesses jovens, muitos já começam a usar ali na roça já pensa, eu vou pra cidade porque lá eu vou ter como ter mais pessoas pra mim tá assaltando ou adquirindo os recursos financeiros pra estar comprando, que seja o lado ruim, ou matando ou roubando".*

Educadora Maria: *"Hoje, o adolescente está roubando isso pra comprar uma droga, ele está roubando, então dois dias depois chega uma na cozinha, na segunda-feira na escola, a escola arrombada pelo telhado, onde levaram toda a merenda da cozinha, televisão, a bomba e a câmera, aí aquele ato, acionamos a polícia, a polícia pediu que fosse lacrada toda a área que foi roubada".*

A partir dessas narrativas sobre mudanças que vêm ocorrendo no campo, reflito que os significados geográficos do campo como espaço de paz e tranquilidade consistem em significados idealizados, os quais contrastam com a realidade concreta campesina, que está em constante transformação.

Na perspectiva fenomenológica de Dardel, a geograficidade é definida pelas ligações do homem com a Terra que, além de teóricas, práticas e simbólicas, podem ser afetivas (BESSE, 2011). Essas ligações afetivas foram evidenciadas nesse estudo, pois além dos

significados geográficos mencionados, constatei o significado da afetividade na experiência vivida por educadores com o campo, conforme é possível verificar nos relatos seguintes:

Educadora Ester: *"Eu já gostava de viver no campo, depois que eu vim pra cá, passei a gostar mais ainda".*

Educador Moisés: *"Aqui é uma comunidade camponesa dentro do campo e temos muito orgulho de morar aqui".*

Educadora Lídia: *"Eu ainda prefiro morar no campo até o momento".*

Educadora Débora: *"Olha, eu gosto no sentido de que é uma comunidade pacata, onde as pessoas são receptivas, eu fui muito bem recebida aqui, tanto pela equipe, quanto pela comunidade".*

Dessa forma, diferentemente da perspectiva urbanocêntrica, que concebe o campo como espaço atrasado, esses educadores atribuem outros significados para o campo a partir de suas experiências geográficas, pois afirmam que gostam, preferem e têm orgulho de morar no campo.

Em relação à cidade, evidencia-se que, além dos significados da insegurança e do perigo atribuídos a partir das experiências vividas, os educadores vivem experiências geográficas relacionadas ao comércio e à faculdade. As narrativas a seguir exemplificam essa constatação:

Educador Moisés: "*Hoje, eu vou à cidade geralmente pra estudo, pra comprar lá algumas coisas, tipo alimentos, vestuário, alguma coisa pra dentro de casa e a gente tem alguma coisa ligada à questão de banco, alguma coisa assim, nesse sentido, são as relações que nós temos com a cidade, de estudo, na faculdade ou isso ou aquilo, mas a nossa relação é de ir lá resolver aquilo que tem pra resolver e retornar pra minha residência que fica aqui no campo."*

Educadora Talita: *"Fazer compra e fazer a minha faculdade toda a terça, eu faço faculdade à distância, toda terça-feira eu vou, só e algumas tem algumas. Quando tem algumas festinhas assim aí eu vou, encontros regionais, eu vou."*

Dessa forma, além de ser considerada e vivida como espaço de oportunidade da formação acadêmica, a cidade também é vivida e significada pelos educadores como o espaço de utilização do comércio. Por outro lado, a experiência vivida com o campo não é significada como espaço dos estudos, tampouco das relações comerciais. Segundo DaMatta (1986, p. 19): "Em casa, sabemos todos – como bons brasileiros que somos –, não devemos comprar, vender ou trocar. O comércio está excluído da casa como o Diabo se exclui do bom Deus."

Essa constatação de que o campo, diferentemente da cidade, não é vivido e significado por educadores do Assentamento Paulo César Vinha como espaço de formação acadêmica, evidencia a demanda urgente da ampliação de políticas públicas voltadas para a formação docente no contexto estudado.

Além dos significados geográficos apresentados, percebi que os educadores utilizam costumeiramente o termo "rua" em substituição à palavra "cidade", ou seja, apresentam uma linguagem geográfica comum no contexto do Assentamento Paulo César Vinha, conforme narrativas a seguir:

Educador Daniel: *"É uma cidade, porém costume de falar rua, ver os pais, avós, tudo falando rua, vamos pra rua, sempre a maior parte morava na roça e sempre a gente falava vamos pra rua, então raramente eles falam cidade".*

Educadora Talita: *"A cidade, as pessoas falam assim: você vai à rua, vou a Pedro Canário".*

Educadora Miriã: *"É, porque o pessoal daqui pergunta à gente, hoje você vai na rua? Entendeu? Acho que é o vício, porque de manhã cedo aqui em casa, porque meu esposo vai muito em Pedro Canário e em Barra, aí chega de manhã e fala assim, ô Professora, a senhora sabe se Hélio vai na rua hoje? Entendeu? Acho que a gente pega, acaba pegando os costumes deles, os vícios."*

Educadora Ester: *"Se você pode produzir uma horta, você não precisa ir lá na rua comprar as coisas".*

Ressalto que não tenho a pretensão de afirmar que o uso do termo "rua" se restringe ao contexto do Assentamento Paulo César Vinha, uma vez que possivelmente essa linguagem é utilizada em outros contextos do estado do Espírito Santo e de outras unidades da federação. Contudo, o uso desse termo no contexto do estudo apresenta particularidades que possivelmente não são encontradas em outros contextos.

Na interpretação desses relatos dos educadores, encontrei também em Dardel (2011) a concepção da cidade como a rua:

> [...] A cidade, como realidade geográfica, é a rua. A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz do citadino "um homem de "rua", um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem [...] (p.28).

Além disso, há uma questão de escala geográfica no uso do termo "rua" pelos educadores do Assentamento Paulo César Vinha. Na perspectiva de orientação no espaço, a "rua" representa as sedes dos municípios de Pedro Canário (ES) e Conceição da Barra (ES):

Educador Daniel: *"Da linguagem aqui quando as pessoas falam rua geralmente é Pedro Canário e Conceição da Barra mesmo, os outros falam mais o nome mesmo que eu percebo".*

Desse modo, as sedes de outros municípios mais distantes não são, de forma geral, caracterizadas como "rua" pelos educadores, mas pelo próprio nome, como por exemplo, São Mateus (ES) e Linhares (ES):

Educador Daniel: *"Não, aí eles já falam já o nome da cidade, geralmente eles falam, de São Mateus já falam o nome, estou indo pra Linhares agora, você liga para um amigo, por exemplo, você tá onde? Eu estou indo pra Linhares, estou indo pra Pedro Canário não, eu estou indo pra Colatina, por exemplo, fala sempre o nome na cidade."*

Educadora Miriã: *"Linhares, vou pra cidade de Linhares, eu só falo rua aqui, que é Pedro Canário ou Barra, São Mateus. Essa cultura, eu acho que, agora que você tá falando assim, deu pra perceber que o pessoal daqui que tem essa cultura de falar porque aqui você pode perguntar pra qualquer pessoa, ele chega na sua casa e pergunta, dia de sábado que é dia que mais vão pra Pedro Canário, eles já vem na sua casa e falam assim, vocês vão na rua hoje? Aí eles assim, agora não, talvez mais tarde, aí vem outro, ô Paulo você vai na rua hoje? Então entendemos que rua é Pedro Canário, aí já pega o costume.".*

Nesse sentido, compreendi que os educadores participantes da pesquisa concebem a "rua" (Pedro Canário e Conceição da Barra) como um espaço geográfico de transição entre o Assentamento Paulo César Vinha e os demais municípios. Além disso, essas três escalas geográficas (o campo, a "rua" e os municípios mais distantes) assemelham-se às escalas da vila, da pequena cidade e da grande cidade, caracterizadas por Dardel (2011):

> [...] Entre a vila e a grande cidade, entre a pequena cidade provincial adormecida e a vasta cidade industrial atarefada, não há mais que uma diferença de grau, de nome ou de extensão. Trata-se de espaços que, para o homem, diferem em qualidade e significado. **A vila** encontra seu sentido nos trabalhos nos campos, que impõem ao homem seu ritmo lento e seguro. **A pequena cidade** compreende-se como um centro de relações para um grupo de vilas, centro de comércio local e de feiras. **A grande cidade** é uma grande intervenção do homem sobre a Terra, um desenvolvimento circundando um ponto, um porto, um cruzamento, uma exploração mineral ou manufatureira [...] (p. 27, grifos nossos).

No desenvolvimento do estudo, percebi também que, do ponto de vista dos educadores, a "rua" mais importante é Pedro Canário, uma vez que a sua sede está mais próxima geograficamente do Assentamento Paulo César Vinha do que a sede do município de Conceição da Barra. Além disso, Pedro Canário se caracteriza como o espaço onde esses

sujeitos possuem parentes e utilizam bancos e comércios com mais frequência. As narrativas a seguir revelam essas geograficidades:

Educador Daniel: *"Em Pedro Canário, eu tenho ali um vínculo com o banco, trabalho com dois bancos, então sempre tenho que estar organizando a minha vida, os meus parentes, a maioria mora em Pedro Canário, então pra tá visitando a minha avó, as minhas tias, então o que eu faço em Pedro Canário é isso, compra que eu só faço em Pedro Canário".*

Educadora Débora: *"Eu costumo ir mais a Pedro Canário, essa questão de banco, de médico, eu vou a Pedro Canário porque fica mais próximo, embora a gente more no município de Conceição da Barra, mas Pedro Canário tá mais próximo do Assentamento Paulo Vinhas do que Conceição da Barra".*

Educadora Miriã: *"Pra nós aqui, Pedro Canário é mais perto, pra gente tá fazendo tudo o que a gente faz é em Pedro Canário, mesmo que a gente pertença ao município de Conceição da Barra, Pedro Canário, tudo o que a gente faz, faz compra, mexe com banco, tudo é Pedro Canário, Barra é muito difícil a gente ir".*

Educadora Maria: *"O povo desgostou de Conceição da Barra, o povo não faz uso do comércio de Conceição da Barra".*

Essa preferência por Pedro Canário, que desconsidera a localização geográfica do Assentamento Paulo César Vinha em Conceição da Barra, revela que os sujeitos vivem e produzem as suas próprias geografias, isto é, as suas geograficidades, dependendo de suas demandas, necessidades e anseios.

Constatei também que a "rua", na perspectiva dos sujeitos da pesquisa, está associada também a uma temporalidade associada ao serviço proporcionado pela linha de transporte coletivo que atende à comunidade do assentamento. Nesse sentido, o uso cotidiano do termo "rua", no assentamento, depende do dia da semana em que se fala, bem como do que se pretende fazer:

Educadora Débora: *"Muito comum, a eu vou à rua amanhã, eu vou à cidade, então tem essa referência, às vezes não fala nem o nome do município, como a gente está entre dois municípios, aí gente já sabe porque é do dia do transporte, se for na segunda é a Pedro Canário, se for na terça é na Barra, aí se for também, quarta e quinta não tem transporte, se for sexta é à Barra, é Conceição da Barra e se for Sábado é a Pedro Canário".*

Educadora Miriã: *"Dia de segunda-feira tem a Mar Aberto, que é a empresa que anda aqui dentro que pega, que vai pra Pedro Canário seis horas da manhã e vem da Barra, passa*

aqui, aí passa no Assentamento Valdício Barbosa até chegar a Pedro Canário, passa seis horas e retorna uma hora, aí vai pra Barra de volta, na terça-feira ele vem da Barra, pega aqui dentro e volta pra Barra, aí retorna às 3 e meia e na sexta-feira é o mesmo percurso, Barra à Barra daqui e no sábado, vem da Barra a Pedro Canário, entendeu? Aí é ônibus de linha".

Educador Daniel: *"Pra Conceição da Barra é terça e sexta, e Pedro Canário é sábado e segunda, tinha quinta-feira só que foi tirado, então tem segunda e sábado Pedro Canário".*

No entanto, essa linguagem geográfica singular da Comunidade do Assentamento Paulo César Vinha vem sendo ressignificada, em virtude da utilização crescente de veículos automotores, conforme narrativa a seguir:

Educador Daniel: *"Depois desses projetos de fortalecimento do agricultor, o Pronaf, então muita gente comprou um carro, a maioria aqui tem um carro agora, são poucos que vão no transporte, então acaba, vou pra rua, que rua? São Mateus, Pedro Canário, Conceição da Barra".*

Na Observação Participante, percebi que o Assentamento Paulo César Vinha é organizado espacialmente em Agrovila e Entorno (lotes de produção). Diante disso, compreendi que a "rua" também se estende para dentro do espaço do assentamento, uma vez que no modelo de Agrovila as casas ficam próximas, de forma semelhante à configuração espacial das periferias, favelas e comunidades de cidades brasileiras.

Ao abordar o significado da "casa", DaMatta (1986) também discorre sobre os seus espaços arruados:

> [...] assim como a rua tem espaços de moradia e/ou de ocupação, a casa também tem seus espaços "arruados". Seja porque fazem a ponte entre o interior e o exterior - como as janelas, varandas, salas de visitas, cozinhas, entradas de serviço, dependências de empregadas e quintais -, seja porque o próprio desenho da casa tradicional urbana brasileira [...] (p.56).

Assim, tomando como referência essa abordagem de DaMatta (1986), é possível caracterizar a Agrovila do Assentamento Paulo César como espaço "arruado" que está situado no espaço campesino. Essa característica citadina desse modelo de organização do assentamento é evidenciada na narrativa a seguir:

Educadora Miriã: *"Pra mim, isso aqui eu estou morando num bairrozinho, numa cidade, que se diz agrovila, que você conhece lá na cidade você não conhece muito as*

pessoas, porque as pessoas ficam o dia inteiro trabalhando e os muros separam e você vê assim, e aqui você conhece o vizinho, só isso."

Destaco que a existência desse espaço "arruado" no Assentamento Paulo César Vinha vem trazendo consequências para essa comunidade. Alguns assentados não se adaptaram a esse modelo, deixando suas casas da agrovila para a ocupação de novos moradores, denominados de agregados; ou até mesmo as abandonando para construir outras casas nos lotes do entorno. As educadoras a seguir relatam essa situação:

Educadora Maria: *"Aqui todos acataram em morar em Agrovila, depois com o passar do tempo alguns foram se arrependendo, aí quando veio aquele projeto da moradia a maioria fez casa nos lotes e com isso ficaram muitas casas vazias, e hoje nós temos 60 ou 70% de agregados, onde nós não sabemos quem é bom, quem é ruim."*

Educadora Miriã: *"Aqui no assentamento têm muitos agregados, têm muito mesmo, se você for fazer, porque nós somos em 63 famílias, dessas 63, maior parte mora aqui dentro da agrovila e outros moram dentro de suas terras, aí fechou suas casinhas na agrovila e foi pra terra".*

Paradoxalmente, embora o abandono das casas das agrovilas e a chegada de agregados sejam encarados por alguns educadores como aspectos negativos para essa comunidade, o agregado também vem sendo considerado importante para a continuidade da existência desse modelo de Agrovila no Assentamento Paulo César Vinha, conforme é possível constatar nas narrativas seguintes:

Educadora Maria: *"A Agrovila está deserta, abandonou a agrovila, está todo mundo nos lotes, aqui vai acontecer a mesma coisa, não está acontecendo, devido aos agregados".*

Educadora Miriã: *"As casas fechadas estão tudo ocupadas pelos agregados".*

Assim, evidencia-se que a decisão coletiva dos assentados pelo modelo de organização espacial do Assentamento Paulo César Vinha em Agrovila levou à reprodução socioespacial da periferia citadina, ou seja, à configuração de um espaço "arruado" nesse espaço campesino, evitando o esvaziamento desse espaço.

Considerações finais

Tomando como referência o conceito de geograficidade, de Eric Dardel, e as categorias sociológicas da "casa" e da "rua", de Roberto DaMatta, o presente estudo evidenciou que, por um lado, os educadores participantes da pesquisa vivem o campo, mais

especificamente o Assentamento Paulo César Vinha como a "casa", atribuindo significados de paz, tranquilidade e afetividade para as experiências vividas com esse espaço; por outro lado, os participantes da pesquisa vivem a cidade, sobretudo, a sede de Pedro Canário, como a "rua", atribuindo significados de insegurança e perigo em suas geograficidades, além de conceberem a cidade como o espaço do comércio e da oportunidade de formação acadêmica.

A constatação de que o campo não é significado pelos educadores do Assentamento Paulo César Vinha como espaço de formação acadêmica, além da evidência de que esses sujeitos estabelecem relações concretas e realizam ações cotidianas de forma predominante com a sede de Pedro Canário, em detrimento da sede de Conceição da Barra, apesar do assentamento estar situado neste município, apontam para a necessidade de implementação de políticas públicas de formação docente que não estejam restritas aos limites territoriais municipais.

Desse modo, a presente exposição revelou significados geográficos singulares e contextualizados, relacionados às experiências geográficas vividas pelos educadores com o campo e a cidade. Entretanto, constatou também que novos significados geográficos estão emergindo nas experiências vividas com esses espaços, em virtude de transformações sociais e econômicas que vem afetando a comunidade do Assentamento Paulo César Vinha, como o aumento da violência, ou seja, os significados geográficos estão num movimento permanente.

Esse estudo buscou contribuir tanto para a superação da visão urbanocêntrica sobre o campo, quanto para a identificação das demandas e necessidades dos educadores do Assentamento Paulo César Vinha, considerando que evidenciou os significados das experiências geográficas vividas cotidianamente por esses sujeitos com o campo e a cidade.

Por fim, destaco que a investigação de outros contextos campesinos, tomando como referência as categorias teórico-metodológicas do presente estudo, pode lançar novos olhares sobre o campo e a cidade, a partir da observância de aspectos, como as ações cotidianas dos sujeitos que vivem e trabalham nesses espaços, isto é, as experiências geograficamente contextualizadas e significadas, as quais geralmente passam despercebidos e não são considerados por pesquisas desenvolvidas a partir de outras perspectivas teóricas e metodológicas.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Geografia e Existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n.1, p. 11-27, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719/2127>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CORRÊA, Carolina Salomão; SOUZA, Solange Jobim e. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. **Mnemosine**, v. 12, n. 2, p. 2-25, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41651/pdf_360>. Acesso em: 25 out. 2020.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, 1984.

_____. **O que faz o brasil, Brasil**? Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

HESPANHOL, R. A. M. Campo e Cidade, Rural e Urbano no Brasil Contemporâneo. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, v. 1, n. 2, set. 2013, p. 103-112. Disponível em: http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/1177. Acesso em: 10 nov. 2021.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado da Educação. **Projeto Político Pedagógico**: Ano Letivo 2014. Conceição da Barra, 2014.

MARANDOLA JR., E. (2017). Natureza e Sociedade: Em Busca de Uma Geografia Romântica. **Revista Terceiro Incluído**, *7*(1), 7–18.

NEVES, K. F. T. V. **Relação Cidade-Campo**: estudo da produção do conhecimento na ciência geográfica brasileira a partir dos anais dos Encontros Nacionais de Geografia Agrária (ENGA). Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.